



Educação & Patrimônio

São Francisco de Assis: fé, arte e compromisso com a criação

2025



SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO
**SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO

Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis

**SÃO FRANCISCO DE ASSIS: FÉ, ARTE E
COMPROMISSO COM A CRIAÇÃO**

VOLUME 04

2025



FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis

S237e Educação e patrimônio [recurso eletrônico] : São Francisco de Assis: fé, arte e compromisso com a criação: volume 4 / Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis. Belo Horizonte, 2025.
E-book (23 p. : il)

Realização: Arquidiocese de Belo Horizonte, Vicariato Episcopal para Ação Missionária na Arte, Cultura e Bens Culturais, Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis.

1. Francisco, de Assis, Santo, 1182-1226 - Biografia. 2. Santos cristãos. 3. Arquitetura religiosa. I. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 235.3:92

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086



Apresentação

A cada nova etapa da caminhada missionária e cultural do Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis, reconhecemos com alegria e gratidão os frutos que brotam do cuidado com o patrimônio e com as pessoas. Este quarto volume da cartilha “Educação e Patrimônio” reforça nosso compromisso com uma pastoral que educa pela beleza, pela história e pela fé.

O Santuário, coração espiritual da Pampulha, é também espaço de formação, diálogo e construção coletiva de saberes. Compreendemos que preservar este lugar é mais do que manter estruturas físicas. É garantir que as gerações atuais e futuras possam reconhecer, viver e testemunhar a riqueza de sua herança cultural e religiosa.

Neste novo volume, aprofundamos a reflexão sobre a relação entre memória, arte e espiritualidade, com foco na experiência educativa inspirada pela vida de São Francisco de Assis e pelo patrimônio que o cerca. O trabalho aqui apresentado é fruto de dedicação, pesquisa e escuta, um verdadeiro exercício de cuidado que une diferentes mãos, saberes e corações.

Que este material possa continuar despertando olhares sensíveis, gerando encontros e promovendo vínculos entre fé, cultura e cidadania. **Que nos ajude, como dizia São Francisco, a “começar de novo, pois até agora pouco ou nada fizemos”.**

Pe. Elias Souza

Reitor

Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis



Introdução

A trajetória de São Francisco de Assis, nascido em 1182 na cidade de Assis, na Úmbria (Itália), é marcada por uma profunda transformação espiritual. Filho de um rico comerciante, Francisco sonhava com a glória das armas e com a vida de cavaleiro. No entanto, experiências traumáticas em batalhas e um misterioso chamado diante do crucifixo da Igreja em ruínas de São Damião mudaram radicalmente sua percepção da vida. A partir de então, renunciou a todos os seus bens materiais e passou a viver segundo os ensinamentos de Cristo, fundando a Ordem dos Frades Menores e dedicando-se aos votos de pobreza, obediência e castidade.

A vida de São Francisco transcende os séculos, influenciando profundamente a espiritualidade cristã, a arte sacra e a cultura popular. Em Minas Gerais, essa devoção assumiu contornos singulares, marcando de forma expressiva a arquitetura, a religiosidade e a vida social, como demonstra a edificação do Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis, na Pampulha.

Na atualidade, seus ensinamentos ressoam nas reflexões propostas pelo Papa Francisco, especialmente na encíclica *Laudato Si'*, que introduz o conceito de Ecologia Integral, e na iniciativa Economia de Francisco e Clara, que propõe uma nova forma de viver e organizar a economia, inspirada nos valores franciscanos de fraternidade, solidariedade e cuidado com a criação.

Este texto explora a rica jornada de São Francisco de Assis, desde sua conversão até sua influência contemporânea, destacando como seus princípios continuam a moldar não apenas a fé cristã, mas também a busca por uma sociedade mais justa e sustentável.



HISTÓRIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Nativo da cidade de Assis, na região da Úmbria, na Itália, no contexto de um país dividido entre religião e política, surgia uma das figuras mais emblemáticas do cristianismo. Em meados dos anos de 1181 e 1182, nascia um Santo que se manifestava de forma intrigante: sua santidade não era medida apenas pela quantidade de milagres — embora numerosos — ou pela exibição de virtudes. São Francisco tornou-se conhecido por sua caridade em um nível mais elevado, que aqui podemos chamar de amor. Em troca, a história lhe concedeu a mesma simpatia e admiração por parte de todos que pensam e escrevem sobre ele, independentemente de crenças pessoais.

Quando Francisco nasceu, sua mãe, Pica Bernardone — na ausência do pai, Pietro Bernardone, um comerciante de tecidos que viajava a negócios pela França —, batizou-o como Giovanni. Não se sabe ao certo quando ocorreu a mudança de nome, mas as principais hipóteses sugerem que a troca foi feita após o retorno do pai, vindo do país que inspirara o nome original. Uma segunda teoria aponta uma homenagem tardia à mãe, que teria origem francesa — fato não comprovado.

A teoria mais aceita, porém, afirma que o nome “Francisco” teria sido adotado na juventude, devido à sua paixão pela língua francesa, que ele aprendeu antes de sua conversão. Naquela época, o francês era conhecido como “a língua da poesia e das emoções” — e continuou a ser o idioma em que o Santo expressava seus sentimentos mais íntimos.

Em sua juventude, Francisco Bernardone não dava indícios de sua futura vocação. Ocupava seu tempo como qualquer outro jovem de sua época: com jogos, conversas, canções — e nutria um desejo comum à sua idade, o de seguir o ofício da cavalaria. A cidade de Assis encontrava-se em constantes



disputas, nas quais a nova burguesia e a população de classe mais baixa entravam em conflito com os nobres e partidários do papa. No ano de 1200, essa força “popular” expulsou a guarnição alemã e recusou-se a entregar o controle às forças papais, construindo às pressas uma muralha em volta da cidade para evitar novas invasões. É mais do que provável que Francisco tenha participado diretamente desses conflitos; nos registros, podemos afirmar que um desses episódios acabou mal para o jovem.



As famílias nobres expulsas de Assis refugiaram-se na rival histórica, Perússia. Com a intenção de restabelecer seus bens e status, declararam guerra ao povo de Assis. Francisco, que participou dessa batalha, foi feito prisioneiro em 1202 pelos perusianos e ficou mais de um ano encarcerado. O jovem só foi libertado no ano seguinte, mas nem a prisão nem a doença que o imobilizou por grande parte de 1204 o fizeram abandonar o desejo pela glória militar.

Em 1205, a caminho da Apúlia, motivado por um sonho, decidiu acompanhar um nobre de Assis que iria servir nos exércitos papais contra as tropas imperiais. Foi durante essa jornada, porém, que uma nova visão o desviou do sonho militar. A conversão aproximava-se, e com ela, uma nova perspectiva de vida.

A conversão de Francisco é frequentemente retratada de forma abrupta e milagrosa. Porém, segundo Tomás de Celano, é possível que essa transformação tenha ocorrido ao longo de quatro ou cinco anos. O primeiro relato de sua jornada espiritual surge literalmente em uma caminhada até a Apúlia, quando encontra um mendigo faminto e com frio e lhe entrega sua capa. É assim que o jovem Francisco começa a perceber as disparidades sociais — experiência que o aproximou da caridade absoluta que pregou pelo resto da vida.

Ao retornar a Assis, mais envolvido em reflexões, isola-se em uma gruta afastada para meditar. Na companhia de um único amigo, revela seu novo desejo: o tesouro que tanto sonhara agora era a sabedoria divina, e sua futura esposa, a vida religiosa.

Entre os episódios mais conhecidos de sua conversão está a ajuda na reconstrução da **Igreja de San Damiano**, cujo pároco não tinha recursos para reformá-la. Francisco, então, pega tecidos da casa paterna, monta em um cavalo e parte para vendê-los, incluindo o animal. De volta à cidade — agora a pé —, entrega todo o dinheiro ao pobre padre. Furioso com o desaparecimento dos bens, seu pai, Pietro, ordena que o procurem. Assustado, Francisco esconde-se em uma adega abandonada, onde fica por algum tempo, até decidir enfrentar as consequências de seus atos. Dirige-se a uma praça pública e confessa-se abertamente, sendo taxado de louco e zombado pela população. Pietro, atraído pelo tumulto, agarra-o e o tranca em casa. Sua mãe, porém, comovida, liberta-o, e Francisco busca refúgio com o bispo. É então que, diante da autoridade religiosa e de seu pai enfurecido, ocorre o gesto que marca sua ruptura



definitiva com o passado: renuncia a todos os bens, despe-se inteiramente e entrega até as roupas ao pai, simbolizando sua renúncia material.

Apesar da transformação espiritual, Francisco ainda enfrentaria novos desafios. Pouco tempo depois, deu-se um passo crucial em seu caminho: a prática da caridade com os sofredores. Aproximou-se dos doentes - marginalizados pela sociedade - e neles reconheceu irmãos. Compadecido de suas dores, decidiu consagrar sua vida ao serviço dos pequenos e esquecidos.

O Santo recebe então uma vocação divina. Ainda inexperiente na linguagem simbólica da fé, interpreta literalmente o chamado para “reconstruir a casa de Deus”. Dedica-se com fervor à restauração física de capelas em ruínas, começando pela pequena Igreja de San Damiano. *Quando auxilia na reconstrução da Porciúncula, completa-se definitivamente sua conversão.*

Num dia de missa, ouve o sacerdote recitar o Evangelho de Mateus (10,6-10): “Vai, disse o Salvador, e anuncia por toda parte que o reino de Deus está próximo. O que recebeste gratuitamente, dá gratuitamente. Não carregue nem ouro, nem prata no teu cinto, nem saco para a estrada, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão; porque o operário tem dignidade para manter-se por si. Em qualquer cidade ou aldeia que cheques, informa-te para saber quem é digno de receber-te e permanece em casa dele até partires. Entrando na casa, saúda dizendo: Paz para esta morada.” Tomado por súbita iluminação, Francisco exulta: era exatamente isso que sua alma ansiava. As palavras sagradas ecoavam como resposta divina aos anseios de seu coração, confirmando seu caminho de pobreza e serviço.

Assim, aos 26 ou 27 anos – entre outubro de 1208 e fevereiro de 1209 –, o convertido Francisco de Assis torna-se missionário, dando início à trajetória do tão amado São Francisco.

Peregrinando e pregando com seu exemplo, Francisco começa



a atrair seguidores. Quando o grupo atinge doze irmãos – assim como os apóstolos de Cristo –, as autoridades eclesiásticas desconfiam de suas intenções. Perseguidos e ameaçados, **Francisco decide ir a Roma com seus onze companheiros para pedir ao Papa Inocêncio III a aprovação de seu modo de vida, o que significaria o reconhecimento oficial de uma nova ordem.**

O encontro entre os franciscanos e o pontífice permanece envolto em mistério. A documentação se perdeu, e não se sabe ao certo quantas vezes Francisco esteve com o papa. No entanto, sabe-se que a Igreja vivia uma crise de autoridade, e Inocêncio III era um homem cauteloso e relutante em ceder facilmente. Há relatos de três audiências: na primeira, espantado com a simplicidade de Francisco, o Papa o recebe com humilhação, mas depois, arrependido, promete nova audiência; na segunda, assustado e desconfiado do embasamento bíblico nos textos de Francisco, marca uma terceira audiência, pedindo que rezassem para discernir a vontade de Deus; na terceira, Inocêncio III tem um sonho revelador – vê a Basílica de Latrão desmoronando, sustentada apenas por um homem que reconhece ser Francisco, compreendendo então que ele salvaria a Igreja.





Apesar das precauções papais, a regra franciscana é aprovada. A nova ordem não havia superado completamente as desconfianças de **Inocêncio III**, mas aquele representava um grande passo para aquele pequeno grupo. Ao saírem de Roma, instalaram-se numa cabana nos arredores de Assis, onde exerciam seus ofícios de cuidado aos necessitados. Com o crescimento da ordem, a cabana tornou-se pequena, e mudaram-se para a Capela da Porciúncula, cedida pelo abade do mosteiro beneditino de Monte Subasio. Mesmo com morada fixa, continuavam a peregrinar, pregando por toda a região da Úmbria.

Entre seus seguidores, destacava-se uma jovem nobre: **Chiara d'Offreducci, que mais tarde seria conhecida como Santa Clara**. Nascida em uma família aristocrática

de Assis, Clara desde cedo demonstrava um notável espírito de caridade. Profundamente inspirada pelo exemplo de Francisco e por seu estilo de vida radical de pobreza e devoção, Clara decidiu renunciar a todos os privilégios de sua condição nobre. Na noite de 18 de março de 1211 (Domingo de Ramos), acompanhada por uma amiga, fugiu secretamente para a Porciúncula. Ali, em uma cerimônia simples, mas profundamente simbólica, fez seus votos perante Francisco: teve seus longos cabelos cortados como sinal de renúncia ao mundo, vestiu o rude hábito penitencial e consagrou-se como virgem esposa de Cristo.

Preocupado com a reação da família de Clara – que certamente veria sua fuga como uma afronta –, Francisco conduziu-a imediatamente ao mosteiro beneditino de San Paolo delle Abbadesse, onde ela estaria protegida.

A fama de Francisco e de sua ordem crescia rapidamente. Ao Santo eram atribuídos numerosos milagres: curas de enfermos, conversões impressionantes, exorcismos poderosos e o célebre dom de falar com os animais. Aqueles que outrora o haviam ridicularizado agora se levantavam para venerá-lo, saudando sua passagem com entusiasmo e devoção.



Em 1217, Francisco decidiu expandir a pregação dos frades além da Itália. Dois anos depois, em 1219, testemunhou a tomada de Damietta pelos cruzados no dia 5 de novembro. Horrorizado com a violência desmedida do exército cristão, conseguiu uma audácia audiência com o sultão Malik al-Kamil, embora sem sucesso em seus esforços pela paz. Pouco depois, recebeu a trágica notícia do martírio de cinco de seus irmãos. Abalado pelos horrores da guerra e pela perda de seus companheiros, Francisco atendeu ao chamado para retornar à Itália, onde sua ordem enfrentava sérias divisões na ausência de sua liderança espiritual.

Ao regressar, deparou-se com graves problemas que haviam surgido em sua ausência. De um lado, extremistas aproveitavam a liberdade franciscana para cair na libertinagem; de outro, laxistas buscavam compromissos com a Cúria Romana através de estudos teológicos ambiciosos. Diante dessa crise, Francisco implementou reformas rigorosas: estabeleceu critérios mais severos para o ingresso na ordem, reorganizou completamente a estrutura hierárquica da comunidade e definiu com clareza os cargos e funções de cada membro. ***Sua firme atitude salvaguardou os princípios fundamentais do movimento franciscano nesse momento crítico de sua expansão.***

No crepúsculo de sua existência, Francisco de Assis atravessava uma fase singular de transformação espiritual, segue-se um longo período de quietude, onde se alternam e se entrelaçam momentos de ternura transbordante e sofrimento sublimado. Essa jornada conduz Francisco, através de uma lenta e dolorosa agonia, até seu último suspiro.

Primeiro houve o Natal de 1223, o episódio ocorreu em Greccio, três anos antes de sua morte, marcando para sempre a espiritualidade cristã. Durante uma visita à pequena cidade, o Santo reencontrou seu amigo Giovanni Velita, homem de posses e coração generoso. Nesse reencontro, surgiu em Francisco uma inspiração singular: criar uma representação viva do Natal que pudesse tocar os corações dos fiéis de maneira inédita. Velita, entusiasmado com a



ideia, preparou em sua propriedade uma gruta semelhante à de Belém. Ali colocaram uma manjedoura cheia de palha, trouxeram um boi e um asno reais, e convidaram os moradores de Greccio para uma celebração diferente de tudo o que já haviam visto.

Francisco celebrou a Missa diante daquele presépio vivo. Segundo os relatos, sua voz – normalmente fraca pela doença – transformou-se, ressoando com uma doçura extraordinária quando pronunciava o nome “Belém”. Os presentes testemunharam algo miraculoso: um dos fiéis viu o Menino Jesus deitado na manjedoura, como se a representação tivesse se tornado realidade. Este evento simples, mas profundamente revolucionário, deu origem a uma das tradições mais queridas do cristianismo.



Em seus últimos anos, o Santo levava uma vida de extrema penitência, buscando a mais profunda união com Cristo. Suas práticas ascéticas eram rigorosas: jejuns prolongados, noites inteiras em oração e meditações tão intensas sobre a Paixão de Cristo que suas lágrimas eram constantes, a ponto de sua visão ficar comprometida. Quanto mais se aproximava de Deus, mais seu corpo frágil padecia, mas sua alma ardia com um amor inexplicável.

Na madrugada de 13 para 14 de setembro de 1224, enquanto rezava em retiro no Monte Alverne, Francisco foi tomado por um êxtase espiritual. Em meio às trevas da noite, uma luz divina irrompeu, e uma voz celestial ecoou em seu coração. Em resposta ao seu ardente desejo de compartilhar os sofrimentos de Cristo, uma dor lancinante começou a perfurar suas mãos e pés, como se pregos reais os atravessassem. Simultaneamente, uma ferida aberta surgiu em seu lado direito, semelhante ao golpe da lança que trespassou o coração de Jesus na cruz.

Quando amanheceu, Francisco, enfraquecido e ensanguentado, arrastou-se de volta ao convento. Tentou esconder os estigmas sob suas vestes, mas as marcas eram profundas e sangravam

frequentemente. Seus irmãos mais próximos, ao perceberem seu estado, ficaram entre o temor e a reverência. A dor era tão intensa que ele mal conseguia caminhar sem apoio, e seus pés feridos deixavam rastros de sangue no chão.

Temendo que o fenômeno fosse mal interpretado – alguns poderiam vê-lo como um engano ou até uma heresia –, Francisco evitava sair em público. Passou a viver recluso, suportando em silêncio suas chagas, que não cicatrizavam, mas também não infeccionavam, como se fossem um mistério entre o sofrimento e a graça. Para Francisco, essas feridas não eram apenas um milagre, mas uma prova de amor e identificação total com Cristo.

Sentindo-se confirmado em sua missão pelos estigmas, retomou a suas viagens em outubro de 1224, montado em um jumento. Mas suas doenças pioraram. Em uma de suas visitas a Clara, a religiosa o convence a parar por alguns dias para cuidar de suas chagas, mas nada adianta. Um de seus irmãos leva então o Santo até um dos médicos do papa, na cidade de Rieti. Mas o médico dos homens nada pôde fazer devido ao estado avançado de suas condições.

Francisco pede então para voltar a sua região de nascimento, Assis, mas temendo pela integridade do cadáver do Santo – ao que já havia histórias anteriores de saques de restos mortais de outras figuras emblemáticas do cristianismo –, os Franciscanos o levam até Porciúncula, onde vigiam noite e dia o corpo moribundo.

Antes de partir, em 2 de outubro, reproduziu a ceia do senhor. Benzeu e partiu o pão entre seus irmãos. E no dia seguinte, 3 de outubro de 1226, Francisco pede que o depositem na terra sobre um cilício coberto de cinzas. Neste momento, um de seus irmãos vê de repente sua alma subir como uma estrela diretamente aos céus.



Em 16 de julho de 1228, apenas dois anos após sua morte, Francisco de Assis foi elevado às honras dos altares pelo

Papa Gregório IX. A canonização ocorreu na cidade de Assis, diante de uma multidão de fiéis que já veneravam Francisco como Santo mesmo antes do reconhecimento oficial. A decisão foi tomada por unanimidade pela Cúria Romana, um testemunho do impacto extraordinário que sua vida e obra tiveram na Igreja.

A canonização de Francisco não foi apenas um ato formal, mas o reconhecimento de uma verdade eterna: que um homem, ao abraçar completamente o Cristo pobre e crucificado, pode transformar o mundo.



A DEVOÇÃO A SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A ESCOLHA DO PADROEIRO

A cultura mineira carrega em sua formação muitas referências e contribuições do catolicismo, trazido pelos europeus durante o processo de colonização. Já no início do século XVIII, após a descoberta de ouro, a Coroa portuguesa identificou a necessidade de estabelecer um controle mais rigoroso sobre o território mineiro, com isso, foram criadas estruturas de fiscalização nas vilas e povoados da Capitania de Minas Gerais. Nesse contexto, a metrópole proibiu a instalação de ordens religiosas regulares na região mineradora. Como alternativa, durante os primeiros séculos da colônia, irmandades leigas, ordens terceiras e confrarias se firmaram como instituições de grande importância social e espiritual.

Foi assim que as ordens terceiras franciscanas chegaram às Minas Gerais, desempenhando papel fundamental na construção dos alicerces da fé católica no período colonial. Entre as associações religiosas de maior prestígio à época, essas organizações promoviam a união dos fiéis em torno da devoção aos Santos, da busca por proteção diante das incertezas da vida e da morte, da convivência comunitária e da prática da caridade (GOMES, 2009). A atuação dessas

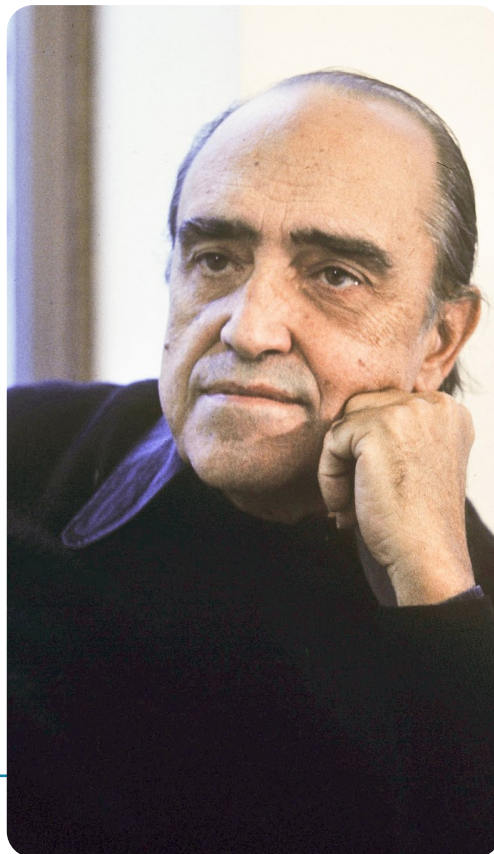
ordens contribuía para o fortalecimento da sociabilidade local e funcionava como um mecanismo de apoio mútuo entre os irmãos, sendo também uma forma de atenuar tensões sociais e colaborar com a manutenção da ordem pública.

Nesse cenário de expansão das ordens terceiras, a devoção a São Francisco de Assis ganhou raízes profundas em solo mineiro. Desenvolveu-se uma religiosidade marcada tanto pela veneração, quanto pela intensa adoração ao Santo. Com o passar do tempo, a fé franciscana se consolidou, e as festividades organizadas para homenagear o Santo tornaram-se uma das expressões religiosas mais tradicionais em Minas Gerais. Essa devoção ultrapassou os limites do período colonial e atravessou gerações, mantendo-se viva até os dias atuais. **Ela está presente na trajetória de muitos mineiros, entre os quais se destaca Juscelino Kubitschek.**



Nascido em Diamantina, em 12 de setembro de 1902, Juscelino desenvolveu, ao longo de sua vida, uma ligação afetiva e espiritual com o Santo de Assis. Cresceu na rua São Francisco, em sua cidade natal, onde vivenciou desde a infância a forte presença da devoção franciscana. A Igreja dedicada a São Francisco de Assis — construída pela Ordem Terceira Franciscana no centro histórico da cidade — ocupava um lugar especial em sua história pessoal e familiar. Foi no cemitério anexo a esse templo que foi sepultado seu pai, João César de Oliveira, o que fortaleceu ainda mais o vínculo com a tradição religiosa da região.

Durante o período em que exerceu o cargo de prefeito de Belo Horizonte, entre 1940 e 1945, Juscelino dedicou-se à modernização urbana da capital mineira. Entre os grandes projetos desenvolvidos em sua gestão, destacou-se a construção do Conjunto Arquitetônico da Pampulha. Dentro desse ambicioso plano, foi erguido o Santuário dedicado a São Francisco de Assis, símbolo da fé e da arquitetura modernista, projetado por **Oscar Niemeyer** e decorado por Candido Portinari.



PORTINARI E A REPRESENTAÇÃO MODERNA DE SÃO FRANCISCO

Convidado por Juscelino Kubitschek e Oscar Niemeyer para compor a arte do templo modernista da Pampulha, Cândido Portinari assumiu a missão de retratar a vida de São Francisco em uma linguagem contemporânea e comprometida com a realidade social brasileira. Em um momento histórico marcado por profundas desigualdades, o artista aproximou o Santo da figura do povo pobre e sofredor.

Nos painéis da Igreja de São Francisco de Assis, Portinari utilizou uma paleta de cores sóbrias e formas expressivas, captando emoções humanas intensas. O altar-mor retrata a renúncia de Francisco aos bens terrenos. O Santo aparece com feições semelhantes às dos retirantes — magro, pele marcada pelo sol, pés descalços —, revelando uma brasilidade comovente e crítica.

Elementos simbólicos reforçam essa leitura: **o cão vira-lata à sua esquerda, como sinal de humildade**; pássaros no púlpito, lembrando sua pregação à natureza; o lobo na fachada externa, remetendo à lendária reconciliação com o animal em Gubbio. Todas essas figuras compõem uma iconografia que une espiritualidade e crítica social.

Embora inicialmente recebida com estranhamento pela população, a arte modernista da Igreja da Pampulha passou a ser reconhecida como uma poderosa expressão da fé em diálogo com o mundo moderno, representando uma verdadeira revolução estética e espiritual na arte sacra brasileira.



SÃO FRANCISCO E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A figura de São Francisco de Assis ressurge no século XXI como referência ética, espiritual e ecológica diante dos desafios globais.

Em 2015, a publicação da encíclica *Laudato Si'* marcou um novo momento na reflexão da Igreja sobre o cuidado com a “casa comum”. São Francisco é apresentado como patrono da Ecologia Integral — uma abordagem que entrelaça o cuidado com o meio ambiente, justiça social e espiritualidade. O texto convida à conversão ecológica, que deve se refletir nas estruturas econômicas, nos modos de vida e nas relações humanas.

Inspirado nesses princípios, o Papa Francisco convocou, em 2019, jovens economistas, empresários e ativistas para o encontro Economia de Francisco e Clara, realizado em Assis. O objetivo era propor alternativas ao modelo econômico vigente, buscando uma economia “que faz viver e não mata”, que incluía, humanizasse e respeitasse o planeta.

Em seu discurso, o Papa destacou três atitudes fundamentais:

1. ***Olhar o mundo com os olhos dos pobres;***
2. ***Valorizar o trabalho e os trabalhadores;***
3. ***Transformar ideias em ações concretas.***

A vida e a mensagem de São Francisco continuam a inspirar transformações: seu radical despojamento, sua fraternidade com todas as criaturas e sua compaixão por toda forma de vida permanecem atuais e urgentes diante das crises contemporâneas. Ele nos interpela a construir uma sociedade mais justa, solidária e em harmonia com a criação.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gustavo Henrique. Ordem Terceira de São Francisco de Mariana: fé e poder na segunda metade do século XVIII. *Temporalidades*, v. 2, n. 1, p. 101-111, 2010.

Bíblia Tradução Ecumênica – TEB. São Paulo, Paulinas, 1995.
BOAVENTURA, São. *Legenda maior e Legenda menor: vida de São Francisco*. Petrópolis: Vozes; Cefepal, 1979.

CUNHA, Taynan. *Impressão dos Estigmas em São Francisco de Assis*. Capuchinhos, 2021. Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/blog/impressao-dos-estigmas-em-sao-francisco-de-assis>. Acesso em: 26 jun. 2025.

DE PAULO, Melody. São Francisco de assis, fundador dos Franciscanos. *Canção Nova*. Disponível em: <<https://Santo.cancaonova.com/Santo/sao-francisco-de-assis-fundador-dos-franciscanos/>>. Acesso em: 8 de Julho de 2025.

DI BUSSOLO, Alessandro. Belém é aqui: São Francisco e a revolução do presépio de Greccio. *Vatican News*, 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/Igreja/news/2022-12/preseprio-sao-francisco-greccio-belem-livro-frei-enzo-fortunato.html>. Acesso em: 26 jun. 2025.

GOMES, Daniela Gonçalves. As ordens terceiras em Minas Gerais: suas interações e solidariedades no período ultramontano (1844-1875). *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 1, n. 3, 2009.

GORGEN, Frei Sérgio Antônio. *Francisco de Assis: Um Antecipador da História*. Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/10/04/artigo-or-francisco-de-assis-um-antecipador-da-historia/>>. Acesso em: 9 de Julho de 2025.

Igreja CATÓLICA. Papa (2013-: Francisco). *Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015. Disponível em: <https://anima.pucminas.br/o-que-e-ecologia-integral-e-por-que-ela-importa/>. Acesso em: ago. 2023.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MARINO, João. *Iconografia de Nossa Senhora e dos Santos*. São Paulo: Banco Safra – Projeto Cultural, 1996.



MICHELAN, Kátia Brasilino. Ordens Religiosas. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (orgs.).

Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2018. p. [n.]. ISBN 978-85-7334-299-4.

POEL, Francisco van der (Frei Chico). Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

ROIG, Juan Fernando. Iconografia de los Santos. Barcelona: Omega, 1950.

SÃO BOAVENTURA. Legenda Maior (LM). Tradução: Frei José Maria da Fonseca Guimarães, OFM; introdução: Frei David de Azevedo, OFM. Editorial Franciscana. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_\(LM\)_4af84ffa4a4a6.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_(LM)_4af84ffa4a4a6.pdf). Acesso em: jun. 2023.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, fundador da ordem franciscana, padroeiro da Itália. Vatican News, 2017. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/Santo-do-dia/10/04/s--francisco-de-assis--fundador-da-ordem-franciscana--padroeiro-.html>. Acesso em: 26 jun. 2025.

TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. Igreja de São Francisco de Assis Pampulha: guia do visitante. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2008.

VARAZZE, Jacopo de. Legenda áurea: vidas de Santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



REALIZAÇÃO

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

VICARIATO EPISCOPAL PARA A AÇÃO

MISSIONÁRIA NA ARTE, CULTURA E BENS CULTURAIS

Dom Edmar José da Silva

Padre Wellington Eládio de Nazaré Faria

MEMORIAL DA ARQUIDIOCESE

DE BELO HORIZONTE

Maria Goretti Gabrich Fonseca Freire Ramos

Padre Marcelo do Carmo Ferreira

Rayane Soares Rosário

Luciana da Silva Araújo

SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Padre Gladstone Elias de Souza

Abel José de Oliveira

Maria Goretti Gabrich Fonseca Freire Ramos

Rayane Soares Rosário

Frederico Pereira de Souza

Leonardo Rodrigues D'Amato

Bianca Freire Neiva

EQUIPE TÉCNICA

Rayane Rosário - Museóloga

Luciana Araújo - Historiadora

Mariana Tavares de Barros – Historiadora

Frederico Pereira – Estagiário de Filosofia

Leonardo D'Amato - Estagiário de Filosofia

Júlia Canela – Estagiária de Museologia

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO

Maria Fernanda Pereira de Sá

FOTOGRAFIA DA CAPA:

Acervo Memorial da Arquidiocese de BH





SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO
**SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**



MEMORIAL
ARQUIDIOCESANO
DE ARTE E CULTURA



VICARIATO EPISCOPAL PARA
AÇÃO MISSIONÁRIA
ARTE, CULTURA E BENS CULTURAIS

